



**O Androcentrismo da Carne:
Uma análise da exploração animal como produto de discursos de masculinidade¹**

**Meat-Androcentrism:
Animal exploitation as a product of masculinity discourses**

Mariana Bonito Bernal²

RESUMO

Este artigo explora as associações discursivas entre o que é compreendido e reproduzido popularmente como masculino e o consumo da carne animal ao analisar relações de poder entre homens – enquanto grupo normativo e hegemônico, dentro do qual o acesso ao poder se dá de formas distintas – e outros grupos aos quais frequentemente são atribuídas pouca ou nenhuma agência política. Busca-se investigar possíveis interseções entre o veganismo político – enquanto movimento antiespecista – e a teoria crítica feminista ao sugerir que elementos como misoginia, exploração do animal não-humano e a masculinidade são produtos de uma mesma estrutura hierárquica e patriarcal. Por meio de uma análise de discurso e revisão bibliográfica, essa pesquisa analisa o papel dos discursos de masculinidade na construção e manutenção do consumo da carne como imperativos na cultura ocidental por frequentemente se associarem à promoção de estereótipos caracterizados pela força, virilidade e dominação sobre “o outro” – neste caso, mulheres e animais. Com base em uma abordagem feminista-vegetariana, os discursos analisados nesta pesquisa foram selecionados por popularidade e circulação entre o público majoritariamente masculino a fim de se compreender sua reprodução no cotidiano. São, também, utilizados trabalhos teóricos interseccionais que identificam relações entre a masculinidade e o consumo da carne, e o contrário: a ausência ou negação do consumo da carne como uma contestação à dominação masculina. Na revisão bibliográfica, são observadas disparidades entre hábitos alimentares de homens e mulheres que possibilitam compreender de que forma essas escolhas estão associadas às construções de gênero. Finalmente, é analisado como as articulações interseccionais de contestação à dinâmica androcêntrica do consumo da carne convergem, identificando pontos em comum entre a exploração animal e a inferiorização feminina. O objetivo deste artigo é, então, sugerir que a análise interseccional seja posicionada como abordagem central, tanto nos estudos de gênero quanto nos estudos relacionados à política da comida³, a partir da compreensão de que as esferas de opressão e resistência aqui exploradas são multifacetadas e indissociáveis de um modelo único sob o qual se estruturam as relações sociais ocidentais contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: interseccionalidade; especismo; identidade; veganismo; discursos de masculinidade

¹Trabalho apresentado no GT11 – Direito Animal Achado na Rua

²Mestranda em Práticas em Desenvolvimento Sustentável – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Bacharel em Relações Internacionais (PUC – Rio). Email: mariabernal@hotmail.com

³ “Política da comida” se trata, neste artigo, dos fatores sociais, identitários e, de forma generalizada, políticos envolvidos na produção, distribuição e consumo de alimentos – inclusive escolhas alimentares –, diferenciando assim do que é compreendido como “política alimentar” – referente a políticas públicas relacionadas à alimentação. Em inglês, essa diferenciação é demarcada pelos termos *food politics* e *food policy*, respectivamente.

**ABSTRACT**

This article explores the discursive links between what is popularly propagated as *manly* and the consumption of meat by analysing power relations between men – while normative and hegemonic group within which the access of *power* is unequal – and other groups for which little to none political agency are given. Through a series of discourse analysis, this work investigates possible intersections between political veganism – an anti-speciesism movement – and feminist critical theories by inferring that elements such as misogyny, animal exploitation and masculinity are by-products of the same patriarchal and hierarchical structure. With the support of a feminist-vegetarian approach, the discourses analysed in this research were selected by popularity and circulation amongst the majority-male audience in order to comprehend its everyday propagation – specially within Western societies. Intersectional approaches support this research by identifying the connections between masculinity and meat consumption. This research explores the role of masculinity discourses in the construction and establishment of meat consumption as imperative in Western culture considering its frequent association to stereotypes characterized by strength, virility and domination over “the other” – in this case, women and animals. Disparities between men and women regarding food habits are analysed in this article in order to better understand its link with gender establishments. Furthermore, this article analyses how convergent intersectional articulations which contest these androcentric dynamics are while identifying common aspects of animal exploitation and the subordination of women. The purpose of this article is then to suggest that intersectional analysis is placed as a central approach not only to gender studies but also to food politics by understanding that both spheres of oppression and resistance hereby explored are multifaceted and inseparable.

KEYWORDS: intersectionality; especism; identity; veganism; masculinity discourses



Introdução

Ao sugerir que a exploração dos animais não-humanos e a subordinação das mulheres aos homens estão relacionadas, este artigo discute as associações entre a manutenção cultural do consumo da carne animal em sociedades ocidentais e a reprodução de discursos de masculinidade. Partindo de uma perspectiva interseccional, essa pesquisa analisa como a masculinidade é reproduzida em veículos de comunicação e propaganda por meio discursos que reforçam, simultaneamente, a subordinação das mulheres e a exploração dos animais não-humanos.

Por meio de uma análise de discursos e da mobilização de estudos interseccionais, identifica-se o caráter simbólico do consumo da carne na manutenção de sistemas patriarcais, nos quais o poder concentrado entre os homens e a subordinação das mulheres e dos animais não-humanos operam. É possível, então, compreender o consumo da carne como produto da popularização da ideia de masculinidade – caracterizada pela força e violência em oposição à subordinação, reproduzida como característica de seu oposto, o feminino.

Ao compreender as convergências entre esses diferentes níveis de opressão, essa pesquisa explora como o consumo da carne animal é reforçado pela ideia da masculinidade e, para além disso, como a ausência da carne na alimentação pode representar, frequentemente, um questionamento ao androcentrismo. Isso será feito em dois momentos: primeiro ao expor a reprodução do discurso de masculinidade em mídias e propagandas popularmente voltadas ao público masculino, bem como suas colocações – e recomendações – no que se refere ao consumo da carne de animais e ao comportamento em relação às mulheres. Posteriormente, ao revisar estudos sobre ética, hábitos alimentares e de consumo de carne entre homens e mulheres, em conjunto com as justificativas relativas às escolhas alimentares desses grupos. Isso é feito de forma a lançar luz nas convergências entre opressões e, em último momento, entre as respostas à essa dinâmica que demonstra subjugar – embora de formas e proporções distintas – mulheres e animais.

Partindo do entendimento de Foucault (1970; 1979) sobre o caráter relacional do poder, serão analisadas como as dinâmicas que operam nas relações entre homens, mulheres e animais são construídas por elementos em comum e reforçadas através do discurso. Ao analisar as formas como os sujeitos atuam uns sobre os outros, compreende-se o poder como elemento que permeia as relações sociais, principalmente entre diferentes grupos. Nessa análise, o poder é,



então, não apenas um instrumento do Estado, mas um elemento presente em todas as interações sociais que se manifesta, também, nos discursos (FOUCAULT, 1979).

A ideia central deste artigo é a de que as relações de poder entre diferentes grupos não se dão de forma isolada, mas sim conectada por elementos interseccionais que operam sobre animais e mulheres de forma semelhante. Essas relações se dão em diferentes esferas, e essa pesquisa se aterá principalmente ao campo da alimentação, uma esfera em disputa e demarcada por elementos políticos, culturais e identitários. Por isso, neste artigo faz-se necessária uma análise interseccional tanto da exploração dos animais não-humanos quanto dos discursos de masculinidade.

Este questionamento surge em vista à ascensão da interseccionalidade enquanto abordagem teórica, nos Estudos de Gênero e na literatura feminista, e enquanto método, como estratégia de movimentos sociais que compreendem a multiplicidade de fatores que contribuem para que sistemas hierárquicos se estabeleçam e subjuguem certos indivíduos em favor de um grupo dominante. Dessa forma, a interseccionalidade pode ser instrumentalizada de três formas: como ferramenta analítica para identificar esferas de opressão que se sobrepõem; como uma abordagem reflexiva, que conecta teoria e prática dos movimentos sociais; e como uma estrutura de orientação, para promover identidades plurais e novas relações democráticas (CHUN ET AL., 2013, 920) dentre os grupos marginalizados.

O consumo da carne de animais é compreendido pelos autores citados nessa pesquisa como elemento fundamentalmente político, especialmente relevante para a manutenção de estruturas patriarcais e hierárquicas. Para Carol J. Adams (2018), a política do consumo da carne não é apenas demarcada pelo gênero, ela é também uma política racial e de classe. Isso porque “o racismo e o sexismo, juntos, defenderam a carne como alimento do homem branco” (ADAMS, 2018, 64).

O presente artigo debate as conexões entre o veganismo político e o feminismo interseccional, explorando argumentos que sugerem que o androcentrismo está relacionado com o consumo da carne de animais e que depende dessa estruturação cultural para se manter como norma. Dessa forma, é explorado como a reprodução da ideia de masculinidade está atrelada à violência, virilidade e dominação que, como características atribuídas aos homens, também são reforçados pela carne.



A análise da relação que essa pesquisa se propõe a fazer pode partir da articulação do termo “especismo”, feita por Peter Singer (1975) ao propor uma comparação prática entre um cavalo e um bebê em relação à capacidade de ambos de sentir dor. Singer discute que mesmo que seres humanos sejam diferentes entre si em termos de capacidades, todos têm, em teoria, direito ao mesmo tratamento e respeito baseado no princípio de não-maleficência. O mesmo se aplicaria aos animais não-humanos. Singer entende a igualdade enquanto um princípio moral, sob o qual não existe lógica que torne razoável que a diferença factual entre as habilidades de duas pessoas justifique qualquer diferença na consideração que se deve dar à satisfação de suas necessidades e interesses.

O princípio da igualdade (...) é uma prescrição de como devemos tratar seres humanos (...) é nesta base que o caso contra o racismo e o caso contra o sexismo devem se estabelecer; e é em acordo com este princípio que o especismo também deve ser condenado (SINGER, 2009, 6. Tradução livre⁴)

A relação entre o especismo e outros tipos de opressão como o racismo e o sexismo é explicitada pelo autor na própria articulação do termo com o mesmo sufixo e, embora sirva para legitimar a reivindicação pelos direitos dos animais em termos éticos, não explora as causas estruturais e interseccionais dessas violações. O trabalho de Singer possibilitou que outros autores refletissem sobre a forma como seres humanos interagem com os não-humanos e, para além disso, como homens brancos coexistem com os “outros”.

Michael Pollan (2002) faz essa observação ao constatar que sociedades contemporâneas colocam os animais na mesma categoria em que minorias sociais, humanas, foram colocadas⁵ em outras épocas. Há, neste momento, a identificação da figura do homem branco como um precursor comum de opressões em relações de poder contra grupos identitários marginalizados. Carol J. Adams (2018) afirma que os simbolismos da carne estão ligados às relações de poder por seu consumo reificar ou contestar uma cultura recebida (Ibid., 270-271). Para ela, a carne é uma relação que se estrutura no poder, mesmo que simbólico, e “se a carne é um símbolo do domínio masculino, então a presença da carne proclama a retirada do poder de decisão das mulheres” (Idem).

⁴ “The principle of equality (...) is a prescription of how we should treat human beings (...) it is on this basis that the case against racism and the case against sexism must both ultimately rest; and it is in accordance with this principle that speciesism must also be condemned” (SINGER, 2009, 6).

⁵ Essa constatação não sugere, no entanto, que essas colocações tenham sido total e permanentemente superadas. A abordagem interseccional serve para questionar, também, as associações entre o consumo de carne a questões raciais como a divisão racial do trabalho nos frigoríficos, a animalização e a hipersexualização das mulheres negras. Estas questões são mais amplamente exploradas por autoras como Syl e Aph Ko e Breeze Harper.



As relações de poder aqui exploradas e as associações entre a masculinidade e o consumo de carne serão mais amplamente desenvolvidas a seguir, a partir da compreensão da construção da identidade masculina contemporânea e do conteúdo político da carne de animais na alimentação ocidental moderna.

A construção da identidade é entendida por Edward Said (1979) pelo que diferencia um sujeito do outro. Embora Said se refira às dicotomias raciais estabelecidas pelas dinâmicas coloniais entre Ocidente e Oriente, Norte e Sul, essa compreensão da identidade pode ser traduzida em termos de gênero, por a identidade ser construída através da negação do outro, que é diferente. Atrelada à identidade, a masculinidade – e a feminilidade – também é construída de forma dicotômica, hierárquica, entre o masculino e o feminino.

Ao discutir os modelos de masculinidade, Jeffery Sobal (2005) aborda o gênero como uma perspectiva que molda todos os aspectos da vida social – inclusive hábitos alimentares – e afirma que a masculinidade, como um destes aspectos, é social e culturalmente construída. A masculinidade enquanto uma construção identitária nos moldes de Said seria, então, a negação do feminino. Se o feminino remete à fragilidade e à domesticidade, a masculinidade remete à força, ao selvagem. Essa lista dicotômica se estende, se desdobrando também em outros termos: a ausência de uma característica masculina parece significar, necessariamente, a presença de uma feminina.

O discurso é fundamental para compreender a construção da masculinidade e a manutenção do poder patriarcal. Como observado por Foucault (1979; 1980; 1981), a produção e circulação do discurso é um componente integral do exercício do poder, o que neste caso reflete no engessamento do senso popular de identidade e da dominação masculina. Nos discursos de masculinidade, Sobal (2005) observa a tentativa de se estabelecer uma dicotomia hierárquica entre os gêneros. Segundo ele, a comida tida como a “de homem” é diferente – portanto superior – da comida designada às mulheres, e “‘ser masculino’ significa comer como um homem – consumindo comida de homem, em refeições de homem e de uma forma masculina” (SOBAL, 2005, 139) e “A carne animal é uma comida masculina e um homem comendo carne é um exemplo de masculinidade” (Ibid., p.137).

O linguista Arran Stibbe (2004) faz uma análise de discurso de um artigo da *Men's Health* – a revista de estilo de vida de circulação mundial e público predominantemente masculino – e observa que a ideia do que significa ser um “homem honrável” se baseia em



aspectos frequentemente associados ao consumo de carne ou à exploração animal. Stibbe selecionou o seguinte trecho:

Como homens decentes, honráveis,
Não devemos nunca nos desculpar por:
Gostar de McDonalds
Não oferecer uma alternativa vegetariana
Vestir pele ou couro
Rir de pessoas que comem *trail mix*
Ler pornografia regularmente
Comer vitela
Chamar mulheres de meninas
Colocar os pés para cima em algo. digamos, sua esposa
Gostar de armas
Segurar a porta para uma mulher” (Men’s Health, setembro de 2000, p.90.
Tradução livre).⁶

Stibbe observa em sua pesquisa pelas edições do ano 2000 da revista que a masculinidade contemporânea parece reforçar estruturas de relações poder pré-estabelecidas ao resistir a quaisquer empasses à dominação masculina, não apenas se tratando de equidade de gênero, mas também quanto às políticas de desarmamento e aos movimentos pelos direitos dos animais. Além do encontrado por Stibbe, foi possível identificar que, em pelo menos três artigos da mesma revista, a virilidade masculina, performance sexual e dominância heterossexual são atribuídas ou de alguma forma relacionadas ao consumo de carne.

Se tem uma coisa que sabemos sobre você, é que você valoriza sua vida sexual (...) como tal, sabemos que você provavelmente é quase um bife (...) aqui, nós servimos os inúmeros benefícios de comer carne vermelha (Men’s Health, fevereiro, 2017. Tradução livre⁷).

Além do artigo “*Why cutting out red meat is bad for you*”, do qual foi retirado o trecho acima, outros dois fazem a conexão entre o consumo de carne e o discurso de masculinidade:

⁶“As decent, honourable men,
We should never apologize for:
Liking McDonalds
Not offering a vegetarian alternative
Wearing fur or leather
Laughing at people who eat trail mix
Reading pornography regularly
Ordering the veal
Calling women girls
Putting your feet up on something like say, your wife
Liking guns
Holding a door open for a woman” (Men’s Health, setembro de 2000, 90).

⁷ “If there's one thing we know about you, it's that you cherish your sex life. (...) Likewise, we know that you're likely to be partial a steak. (...) Here, we serve up the myriad benefits of chowing down on red meat, going one better than a hardy sex life” (Men’s Health, fevereiro, 2017).



“*Right on, Red*” de 2014, e “*Everything you have to know about going vegan*”, de 2017. O último, no entanto, não se refere a uma aderência ou transição ao veganismo, mas à ““salvar animais’ como um atributo atrativo para exibir no perfil do Tinder” (MEN’S HEALTH, 2017). Observa-se que os estereótipos ligados ao grupo de pessoas que rejeita o consumo de carne – ou desejam “salvar animais” – são aqui associados ao feminino, às questões de interesse exclusivo das mulheres.

Não comer carne é considerado feminino, é oferecer um contraponto culinário entre os gêneros... O vegetarianismo, a representação final do ‘não comer carne’, fornece um caso negativo à sustentação da masculinidade do consumo da carne. Vegetarianos não comem uma variedade de produtos de origem animal e tendem a ser mulheres, com apenas uma minoria (cerca de 30%) sendo homens (SOBAL, 2005, 140. Tradução livre⁸).

A perspectiva ecofeminista importa nesta discussão quando se observa a relação dos homens com o meio ambiente e o entendimento normativo de que a preocupação ecológica está conectada com a feminilidade. Em “*Beast, Burgers and Hummers*”, Richard Rogers (2008) discute uma “crise” dos discursos de masculinidade na propaganda contemporânea, onde ele percebe o hábito cultural de comer “carne como uma resposta às ameaças à masculinidade hegemônica” (ROGERS, 2008, 182). A interseccionalidade é trazida pelo autor, então, como “uma resposta às opressões multifacetadas e como uma ferramenta para identificar as várias categorias de dominação e subordinação” (Ibid., p.284).

Rogers observa que campanhas publicitárias que anunciam carnes e laticínios geralmente são focadas nos homens como público alvo, utilizando a carne como um símbolo para revitalizar a hegemonia da masculinidade e reforçar a dominação masculina através do discurso. O autor também observa que a masculinidade cria obstáculos aos movimentos pela sustentabilidade. Isso porque a carne animal é frequentemente usada como uma ferramenta dos próprios discursos de masculinidade e seu consumo se mostra aliado à virilidade e ao poder masculino, sobre animais e mulheres.

⁸ “Not eating meat is considered feminine, offering a culinary counterpoint between genders... Vegetarianism, the ultimate representation of not eating meat, provides an important negative case in support of the masculinity of meat consumption. Vegetarians do not eat various animal products and tend to be women with only a minority (about 30%) being men.” (SOBAL, 2005, 140)



Outro estudo identificando a dominação masculina como fonte principal da exploração animal foi feito por Hank Rothgerber (2012), que analisou as discrepâncias nos discursos dos consumidores de carne, homens e mulheres. Tal estudo mostra que as pessoas que comem carne frequentemente buscam justificar suas escolhas alimentares, mas existem diferenças relevantes entre os gêneros em suas respostas. As mulheres justificam seus hábitos alimentares, em relação à carne, pela negação – tentam não pensar no processo de produção da carne, caso contrário provavelmente parariam de consumi-la – ou dissociação – tentam não pensar na carne como o que ela é: um animal morto (ROTHGERBER, 2012. 13). Quanto aos homens, os principais argumentos encontrados foram, em primeiro, “questões de saúde”, em segundo “ser ‘procarne’” – assumem que simplesmente gostam do sabor e essa seria a razão para não pararem de comê-la –, e em terceiro por “razões hierárquicas” – acreditam que não é um problema comer certos animais pois são “reproduzidos com este propósito” (Ibid., p.5).

A tese de Javian Parry (2010) e a teoria crítica feminista-vegetariana trazida por Carol J. Adams (2018) dialogam ao identificar numerosos episódios nos quais as mulheres são animalizadas e os animais são feminizados – de forma sexualizada, violentada, ou ambos – por homens. Parry problematiza a relação dos homens com a carne em programas de culinária e os discursos normalmente difundidos nesses ambientes por frequentemente serem sexistas em relação aos animais. Ao abordar as questões de gênero envolvidas no consumo de carne, sua análise mostra que há uma constante feminização de animais criados em fazendas, que contrasta com a masculinização dos animais selvagens.

As críticas de Adams (2018) também apontam para o que é problemático nas representações midiáticas e campanhas publicitárias por incitar os consumidores a objetificar – em termos de posse de objetos e bens materiais – mulheres e animais. Frequentemente mulheres são representadas como inferiores, mais fracas e subordinadas aos homens, que são representados como fortes, poderosos e viris; além disso, novas compreensões das suposições relacionadas ao gênero emergem: não apenas os animais criados nas fazendas são simbolicamente femininos como também são as demonstrações de preocupação e afeto por eles vistos como aspectos associados à feminilidade. Enquanto o abate, os instintos selvagens e o consumo de carne são elementos tomados como inerentemente masculinos. A teoria feminista conclui então, segundo Adams, que a narrativa patriarcal retrata os objetivos masculinos e a passividade feminina” (Ibid., p.147).



Um segundo estudo de Javian Parry, em colaboração com Annie Potts (2001), descreve um fenômeno chamado “*Vegansexuality*” e a resposta negativa de homens-brancos-heterossexuais a ele. O termo se refere à preferência que veganos e vegetarianos expressam em se relacionar com outros veganos e vegetarianos. A principal explicação para isso é a inclinação que essas pessoas têm para se relacionarem com pessoas em um mesmo nível de “incorporação ética”, isto é, seus parceiros estariam comprometidos com os mesmos valores éticos que poderiam ser transpostos a outras esferas, não apenas alimentares.

A resposta dos consumidores de carne a este estudo é o que interessa na presente análise: foi negativa e agressiva. Os comentários mencionavam “canibalismo” ao sugerir que os consumidores de carne deveriam, então, “seduzir uma parceira vegana e depois consumi-la, sexualmente e gastronomicamente”, o que novamente explicita que o veganismo, em geral, é associado às mulheres como um atributo exclusivamente feminino e a violência contra esse indivíduo – explicitamente descrito como feminino – seria performada por um homem forte e viril. Neste discurso, a mulher vegana é retratada não apenas como uma figura subalterna como também um produto a ser consumido.

Essa observação serve para explicar como termos culturalmente popularizados associam o sexo à alimentação e sugerem, também, uma relação de dominação das mulheres pelos homens. Adams observa que “o consumo parece ser a etapa final do desejo sexual masculino” pois há uma “visão do objeto sexualmente desejado como consumível” (ADAMS, 2018, 89).

Considerações Finais

Esse artigo busca compreender a ligação da carne com a manutenção do poder de um grupo dominante sobre outros, partindo da noção de que os hábitos alimentares proclamam distinções patriarcais, raciais e de classe. A carne é um elemento que facilita a ilustração dessas relações de poder por ser instrumentalizada, sozinha, como objeto de poder por si só fazendo com que sua rejeição represente, também, uma ruptura com padrões culturais dominantes.

Quatro temas vêm à baila quando se tem uma “interrupção vegetariana” (...) a rejeição dos atos de violência masculinos, a identificação com animais, o repúdio ao controle masculino sobre as mulheres e a postulação de um mundo ideal composto de vegetarianismo, pacifismo e feminismo – por oposição a um mundo decaído composto em parte de opressão feminina, guerra e consumo de carne (ADAMS, 2018, 183)



Adams defende a abordagem interseccional na crítica feminista por reconhecer que as opressões são “culturalmente análogas e interdependentes” (Ibid., p.105). Como explorado anteriormente, o veganismo simboliza uma rejeição à norma androcêntrica. Ainda segundo ela, “retirar a carne da refeição é ameaçar a estrutura da cultura patriarcal mais ampla” (Ibid., p.73). As relações de poder da carne também são construídas sob aspectos monetários que sustentam a masculinidade uma vez que o dinheiro dá poder aos homens para que consumam a carne de animais; suas relações com as mulheres frequentemente seguem essa mesma dinâmica favorecendo a objetificação feminina e a dominação masculina⁹.

A análise interseccional da política do consumo da carne se mostra fundamental por identificar os aspectos raciais, de gênero e classe das relações de poder entre os sujeitos bem como suas influências sobre as escolhas alimentares. Embora o presente estudo explicita especialmente as relações de poder que subjagam mulheres e animais enquanto grupos homogêneos, sem foco demarcado nas várias identidades que fazem com que as mulheres sejam parte de um grupo plural e heterogêneo, a interseccionalidade serve para destrinchar, ainda mais profundamente, essas relações quando identidades interseccionais são incorporadas nas análises.

Os símbolos associados à masculinidade e feminilidade, a forma como são popularmente representados – como dicotomias hierárquicas imutáveis – e o peso dos discursos nas relações de poder possibilitam assumir que as escolhas alimentares e o comportamento dos seres humanos em relação ao meio ambiente e aos seres não-humanos são construídos de forma discursiva e com base na identidade.

O feminismo interseccional e o veganismo político – antiespecista, abolicionista – advogam pelo fim de uma ordem hegemônica e a amplitude de direitos uma vez negados às mulheres e aos animais em favor do grupo identitário dominante. Quando anunciados como movimentos convergentes, conectados, o feminismo interseccional pode permitir que seja atribuída agência aos animais, como sujeitos e não objetos das ações de outros sujeitos. Acredita-se que o androcentrismo opera, também, com apoio do consumo da carne em relações de poder entre outras categorias analíticas. Torna-se então possível – e necessário – que sejam trabalhados outros recortes para além dos assinalados neste artigo, reconhecendo a importância

⁹ Carol J. Adams explora associações entre a noção de desenvolvimento e o consumo de carne ao analisar como relações coloniais eram estabelecidas por dinâmicas alimentares nas quais a carne é vista como símbolo de ascensão social e sua ausência é associada ao subdesenvolvimento e à pobreza: “a pobreza também determina quem corta a carne” (ADAMS, 2018, 62);

11-13
DEZ
2019

Seminário Internacional

O Direito como Liberdade

30 Anos de O Direito Achado na Rua



do veganismo como movimento político contra opressões estruturais baseadas não apenas no gênero, mas também em classe e raça.

**REFERÊNCIAS**

ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde. 2018, 384 p.

CHUN, Jennifer J.; LIPSITZ, George; SHIN, Young. *Intersectionality as a social movement strategy: Asian Immigrant Women Advocates*. Chicago: Signs Journal of Women in Culture and Society. 38(4): 2013, p. 917-940

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MEN'S HEALTH. *Everything you need to know about going vegan*. Men's Health, 2017, p.90.

MEN'S HEALTH. *Why cutting out red meat is bad for you*. Men's Health, 2017. Disponível em: <<https://www.menshealth.com/uk/nutrition/a756830/why-you-need-to-eat-more-red-meat/>> Acesso em: 24/01/2020

MONSOUN, Shaun. *Earthlings*. Nation Earth, 2005. Disponível em <<http://www.nationearth.com/>>. Acesso em 30/10/19

PARRY, Jovian. *Gender and Slaughter in Popular Gastronomy*. Feminism & Psychology: 20.3, 2010, p.381–96

POLLAN, Michael. *An Animal's Place*. Nova Iorque: New York Times Magazine, 2002. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2002/11/10/magazine/an-animal-s-place.html>> Acesso em: 24/01/2020

POTTS, Annie. PARRY, Jovian. *Vegan Sexuality: Challenging Heteronormative Masculinity through Meat-free Sex*. Feminism and Psychology, Ed: 20: 53, 2010.

ROGERS, Richard A. *Beasts, Burgers and Hummers: Meat and the Crisis of Masculinity in Contemporary Television Advertisements*. Environmental Communication, 2(3), 2008, p.281–301.

ROTHGERBER, Hank. *Real Men Don't Eat (vegetable) Quiche: Masculinity and the Justification of Meat Consumption*. Psychology of Men & Masculinity Ed: 14.4, 2013, p.363–75

SINGER, Peter. *Animal Liberation*. Nova Iorque: Harper Collins. 2009. 311p.

STIBBE, Arran. *Health and the social construction of masculinity in 'Men's Health Magazine'*. Men and Masculinities, 7, 2004, p.31–51.